

RELATO

MINHA VIVÊNCIA COM ARTE/EDUCAÇÃO

Juscelândia Machado Vasconcelos

Fábio José Rodrigues da Costa

Universidade Regional do Cariri - URCA

RESUMO

O presente trabalho apresenta minhas aprendizagens e inquietudes em saber um pouco mais sobre o universo da arte; isso se deu através da organização de um portfólio que foi o procedimento de avaliação adotado pelo professor da disciplina Arte/Educação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA. Por ser um procedimento de avaliação anteriormente desconhecido, casou-me grandes dúvidas na sua construção, fiz então um diário do que era abordado em sala; fiz pesquisas para aprofundar alguns pontos que eram apenas citados; assisti filme; fui a duas exposições; o que foi uma experiência maravilhosa, tendo em vista que para estudar arte é necessário ter contato com a arte. Esse processo avaliativo foi interessante porque tudo que era discutido em sala me levou a reflexão e passei a buscar sempre algo a mais, e assim, relato no presente texto e em alguns casos faço as minhas considerações. Nesse percurso foram desmistificados muitos pré-conceitos que eu tinha sobre o conhecimento, arte.

Palavras-chaves: Portfólio. Ensino de Arte. Experiência.

A construção de um portfólio: Meu aprendizado sobre Arte/Educação

Para relatar minha trajetória na disciplina Arte/Educação no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA se faz necessário falar do instrumento de avaliação da disciplina “O portfólio”. Neste trabalho procurarei resgatar minhas memórias na realização do trabalho exigido no final da referida disciplina e meus novos aprendizados.

A prática do portfólio até então era desconhecida para mim, o que causou muitas dúvidas, pois sendo um conjunto de documentos que vão desde trabalhos de pesquisa, fotografias, trabalhos escritos, exercícios, provas, a textos utilizados para aprofundamento, reunidos em dossiê, contendo reflexões minhas acerca do vivenciado, e organizado a partir dos objetivos e das atividades que foram propostas, tudo isso irá retratar todo o meu percurso na disciplina. Com tantas dúvidas e sendo obrigada a encontrar no desenrolar da disciplina as respostas, comecei a relatar diariamente o que ia aprendendo em sala, o que sempre me causava curiosidade em saber mais, de modo que em alguns dias fiz pesquisas muito importante para o entendimento dos assuntos estudados. Como o objetivo deste trabalho é

fazer esse relato, é interessante dividi-lo em tópicos de acordo com as experiências vividas dentro e fora da sala de aula.

Estarei relatando minha experiência, assim, escreverei em primeira pessoa, mas ao me referir às experiências vividas em grupo passarei a escrever no plural. A seguir obedecerei a uma ordem cronológica do que foi vivido na disciplina, flexibilidade que o portfólio oferece, visto que o mesmo permite ao aluno analisar as singularidades do seu próprio desenvolvimento no processo ensino aprendizagem.

O início da disciplina

Primeiro dia de aula, a sala foi cuidadosamente arrumada pelo professor, quando o mesmo anunciou que assistiríamos ao filme Batman, ano 1989! Fiquei perguntando-me: O que tem a ver Batman com Arte e Educação?

Começou o filme, e em um determinado momento, em uma cena, o professor pediu para que tivéssemos a maior atenção. A cena era a seguinte: [...] o personagem Coringa, juntamente com seu exército do mal, entra em um museu da cidade de Gotham, e começa a destruir todas as obras de arte que vêm pela frente, exceto uma, argumentando que aquela ele, Coringa, gostava! [...]. Terminado o filme o professor fez os seguintes questionamentos: 1) Por que o Coringa parou na obra de Bacon? 2) Se você tivesse que salvar uma obra de ser destruída, que obra salvaria? Cite três.

Partindo para pesquisa, descobri que a obra do filme era:



Francis Bacon - Figure with Meat, 1954.

Assim, acredito que o Coringa por ser um personagem sádico e ao mesmo tempo sarcástico, não destruiu a obra de Bacon porque a mesma dá a sensação da morte, a figura do

Papa Inocêncio X embora pareça estar viva, devido à posição sentada, sua face e suas mãos parecem em estado de decomposição, como também, as carnes que aparecem ao fundo, daí a idéia de morte, dor, sofrimento, fim. Note que o Papa exibe um leve sorriso, o sorriso que o Coringa tanto aprecia.

Percebi que arte não é só o que é belo, tendo em vista que o artista expressa em suas obras: sensações, estados de espírito, caráter estético, contexto social, etc. E nas obras ele procura expressar ou transmitir tais sensações ou sentimentos, a partir de sua vivência.

Não ficou claro, no questionamento do professor, que eu deveria salvar uma obra de arte, mas pelo nome da disciplina resolvi salvar: 1) **Monna Lisa**, de Leonardo da Vinci (Obra pertencente ao Museu do Louvre, a qual tenho uma enorme admiração, mesmo sem ter visto, talvez seja pelo efeito midiático que a mesma possui, mas me encanta). 2) **O pensador** “Le Penseur”, de Auguste Rodin (Obra pertencente ao Museu Rodin, tive a oportunidade de ver uma exposição em dezembro de 2006, no Centro Cultural Dragão do Mar em Fortaleza – CE, e essa estátua foi a que mais me chamou atenção.) 3) **Bolero de Ravel** (Obra musical de ritmo uniforme e invariável, das clássicas é a minha favorita, me causa um ótimo estado de espírito ao ouvi-la).

Passado esse primeiro momento, onde discutimos apenas uma obra de Bacon, passamos a ver através de recursos audiovisuais, outras obras do mesmo e de outros artistas, tive a curiosidade de saber um pouco da história de vida de cada um deles, mesmo sendo informada que em arte se deve estudar a obra e não o artista. Mas quem foi ele? Onde viveu? Em que contexto social? São questões pertinentes que a meu ver ajudam a fazer uma melhor leitura da obra. Como foi a partir de Bacon que cheguei aos outros artistas, iniciarei por ele.

Conhecendo alguns artistas

Francis Bacon nasceu em 28 de outubro de 1909. É considerado inglês, apesar de haver nascido e crescido em Dublin, na Inglaterra. Na infância devido a várias mudanças com a família e problemas de saúde, era asmático, passou a ser educado por professores particulares. Aos 16 anos vai para Londres, quando se inicia na pintura como autodidata e a trabalhar como decorador. Sua obra retrata a condição humana com grande carga dramática, geralmente, mostra cenas de solidão, desconfiguração e horror. Recebe forte influência dos artistas que se segue.

Georg Ehrenfried Grosz nasceu em Berlim a 26 de julho de 1893, especializou-se em artes gráficas, em 1910 passou a colaborar com revistas satíricas, dois anos depois, entra na Escola de Artes e Ofícios de Berlim, período em que seus desenhos retratam crimes e orgias. Em 1916, em protesto ao nacionalismo e patriotismo, muda de nome para **Georg Grosz**. Seus trabalhos foram marcados por escândalos, os mesmos que fizeram dele famoso. Suas obras dividem-se em duas fases: uma expressionista-satírica e outra influenciada pelo expressionismo e dada, na qual o artista revela uma atitude de descrença diante das mudanças da vida, quando o mesmo passa a caracterizar naturezas-mortas, paisagens urbanas e catástrofes da guerra.

Otto Dix, alemão nasceu em 2 de dezembro de 1891, aos 23 anos de idade apresentou-se como voluntário para a Primeira Guerra Mundial, atuando como artilheiro e metralhador, viu horrores. Em 1924, seis anos depois da catástrofe, quis expor num livro uma série de gravuras sobre o que vira com aquelas tenebrosas imagens da guerra, ele tornou-se o Goya alemão. Foi o principal representante da Nova Objetividade, tendência desenvolvida na Alemanha a partir de meados dos anos vinte, nascida das cinzas do expressionismo.

Marx Beckmann nascido na Alemanha, em Leipzig, no ano de 1884. Foi um expressionista e artista gráfico cujas obras transmitem uma visão pessimista da sociedade. Sua dramática experiência como ajudante no corpo médico durante a I Guerra Mundial, levou-o a pintar obras enérgicas e de grande dramatismo, caracterizadas por contornos muito marcantes, coloridos fortes e violência implacável. Seus quadros expressavam uma crítica social à Alemanha do pós-guerra.



Ao situar esses artistas no contexto social em que viveram, todos carregam marcas profundas da guerra e procuram expressar isso em suas obras, percebe-se que “a arte não só é

necessária e tem sido necessária, mas igualmente que a arte continuará sendo sempre necessária” (FISCHER, 2002), pois é através dela que o artista procura denunciar: a violência e os massacres que ocorreram, a capacidade de matar, o caos que uma guerra provoca abalando tudo. Cada um com sua característica: confusão, limitação, destruição, desconfiguração.

Até o momento só tínhamos visto a presença masculina na arte, mas no Brasil duas grandes artistas se destacaram: **Anita Malfatti e Tarsila do Amaral**.

É interessante ver que o artista é uma pessoa comum, como nós, Anita, teve uma infância difícil, aos 3 anos submeteu-se a uma cirurgia e passou a ser educada pela mãe, formou-se professora, ofício bastante comum, o qual passou a exercer para ajudar nas despesas domésticas. Devido ao talento para a pintura recebeu ajuda de familiares para estudar na Alemanha. Organizou em 1917, uma única apresentação de trabalhos e recebendo forte crítica de Monteiro Lobato, ficou profundamente frustrada, abandonando a arte. Depois desse episódio passa a interessar-se por natureza morta, quando conhece Tarsila e através dela participa da Semana de Arte Moderna de 1922. Sua obra foi considerada pelos críticos de: primitiva, clássica e moderna avançada, fez retratos e natureza-morta. Morre em 6 de novembro de 1964.

Tarsila do Amaral cria um conceito de brasilidade, ou pintura “pau-brasil”, intitulada pela artista, tal pintura usou o cubismo como técnica, e as cores bem brasileiras, com o intuito de retratar o cotidiano brasileiro e temas relacionados à sociedade, baseado na sua infância e adolescência vividas na fazenda de seu pai, como podemos ver nas obras abaixo.



'Carnaval em Madureira'-1924



'O Pescador'-1925



'Religião Brasileira'-1927



'Abaporu'-1928

Ao pintar o Abaporu, quadro considerado excepcional, para dar de presente ao marido Oswald de Andrade, inicia-se o movimento antropofágico no Brasil, o qual propunha a absorção da cultura européia, com um toque bem brasileiro.



Analisando a obra, O Grito, pintada por **Edward Munch** em 1893, pensei que mesmo sendo feita em outro século permanece atual, o que essa obra demonstra desespero do homem diante de um céu em chamas e um mar revolto, é o que hoje vivemos com as tsunamis, furações, terremotos, aquecimento global, etc.

E não poderia concluir essa apresentação sem citar **Pablo Picasso**, espanhol, considerado por muito um dos maiores artistas do século XX, foi pintor, escultor, artista gráfico e ceramista, desenvolvendo com maestria diversas obras, independente do veículo que utilizasse. Foi um dos criadores do cubismo, estilo que deixava o artista mais livre para usar outros instrumentos, como por exemplo, a colagem de objetos em tela. Em suas obras a presença feminina esteve sempre presente. Seu quadro mais famoso é Guernica pintado em 1930, retratando os horrores da Guerra Civil Espanhola.



É incrível como uma obra é rica em detalhes, o trabalho do artista é o resultado de algo que ele se apropria, seja uma cena, acontecimento ou mesmo um estado de espírito, que ele retrata com sua visão, e para isso ele usa conhecimentos de todas as ciências, de onde se conclui que arte é cultura. Ao longo das aulas fui desmistificando alguns conceitos entre eles **dom** e **talento**, no meu entender para ser artista tinha que nascer com aquele dom, mas não, dom todos nós temos, como por exemplo, a vida, já talento é uma inteligência excepcional para desenvolver algo, é o que os artistas têm.

Um breve histórico da Arte no Brasil

A Escola de Bellas Artes chega ao Brasil com a vinda da Família. Essa escola foi criada por D. João VI, segundo o modelo francês de formar artista. Nesse período o que era considerado como Bellas Artes era: a pintura, a arquitetura e a escultura.

O ensino da arte foi introduzido nas escolas através da Lei n.º 5.692/71 – LDB que instituiu a Educação Artística. Atualmente, a arte é ensinada através de quatro linguagens: artes visuais, teatro, música e dança. A arte anteriormente compreendia apenas três segmentos: artes plásticas, artes cênicas e arte musical. Com o passar do tempo as artes cênicas foram incorporadas a dança e teatro.

Na verdade a arte tem sido, é e será sempre necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte, sobretudo, é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.

E o homem acaba refém da ferramenta

Fischer diz que: “O trabalho é a transformação da natureza” para fazer essa transformação, o homem utiliza-se, inevitavelmente, de ferramentas que são necessárias ao aperfeiçoamento de seu trabalho. Mas, será que o homem tem domínio sobre suas ferramentas? Para entender melhor as idéias de ferramentas, trabalho e semelhança, assistimos ao filme: 2001: Uma Odisseia no espaço, de 1968.

O filme dirigido por Stanley Kubrick traz um olhar atrás do futuro, quando surgem os primeiros homens, ou melhor, os *australopthecus*, que a partir do medo do desconhecido, mas, sobretudo com a curiosidade, de entendê-lo, passa a usar sua primeira ferramenta, a mão. Segundo Fischer, órgão essencial da cultura, o iniciador da humanização. A linguagem é outra ferramenta que o homem descobre, pois é através dela que ele consegue estabelecer equilíbrio com os outros animais e o mundo em que habitava. Segundo Humboldt “o homem torna-se homem juntamente com o trabalho e a linguagem”. A linguagem é parte da construção do homem que passa a expressar seus sentimentos de forma mais polida e não mais “através de gritos selvagens e sons inarticulados” (Herder).

A partir desta descoberta, surge o *homo sapiens*, mais civilizado e racional este desenvolve tanto seu conhecimento científico que passa a produzir ferramentas que chegam a tomar forma e agir como ele mesmo, e o homem acaba perdendo o controle sobre sua própria criação.

A semelhança foi um processo pelo qual, o homem descobriu para fabricar os instrumentos necessários as suas necessidades, isso ocorre quando ele descobre que através da

semelhança podia se infiltrar no habitat dos animais, a fim de atraí-los e abatê-los para sua própria sobrevivência, e ele quase foi abatido pela máquina.

O homem ao se aventurar no espaço, conta com ajuda de uma das suas maiores ferramenta, o computador, que por ser uma máquina não encontra maiores dificuldades no espaço, enquanto que o homem é como “um peixe fora d’água”, precisando reaprender a andar, comer, respirar ... E assim a máquina se acha superior ao próprio criador, pois por ter sido programada para superar as dificuldades de seu criador, ela acaba por se achar superior a ele. Fica claro que, o homem, mesmo com toda a sua evolução, precisa mais uma vez superar o desconhecido, sua própria criação. O homem vence a batalha com a máquina, que evoluiu tanto que “quase” o substituiu e destruiu, com uma simples chave-de-fenda, mas mais uma vez o homem enfrenta o desconhecido, sua própria morte. O homem com toda sua evolução e inteligência não pode superar o curso natural da vida.

Experimentando a Arte

Como não se pode estudar a arte sem experimentá-la, tivemos a oportunidade de visitar duas exposições, foi um dos momentos mais desejado.

Primeiramente fomos a Mostra SESC de Arte Naif 2007, a arte Naif pode agrupar-se ao significado das coisas simples, puras, que preza pela utilização de cores brilhantes e decorativas. Os artistas que trabalham com este estilo não colocam seu principal objetivo a seguir padrões, ou estar dentro de regras plásticas, artes procuram retratar através de suas obras o que vêem ou como vêem o mundo, demonstram através das cores vivas a beleza do mundo, e mesmo quando pintam realidades difíceis, fazem isso com simplicidade, objetividade de tal forma que mesmo a um primeiro olhar da obra é difícil identificar o que ela quer dizer. Tem como característica: a simplicidade, a sinceridade e a auto-explicação. Arte Naif, uma obra objetiva, real, viva e impressionantemente interessante!

O termo naif aparece, em geral, como sinônimo de arte ingênua, original e/ou instintiva, produzida por autodidatas que não têm formação cultural nos campos das artes. Naif pinta alegria, o bom, o belo. Essa expressão se confunde frequentemente com arte popular, arte primitiva e art brüt, por tentar descrever modos expressivos autênticos, originários da subjetividade e da imaginação criadora de pessoas estranhas à tradição e ao sistema artístico.

Visita as exposições: **Fotopintura e Grafite Cariri**, no Centro Cultural Banco do Nordeste.

A exposição de Franklin surgiu do interesse pessoal pela estética da arte popular brasileira, mais precisamente da fotopintura, e da importância dessa técnica para a cultura da região nordeste do Brasil. Foi a partir da observação dos elementos que compõem o fazer da fotopintura que descobri a força que o imaginário popular exerce na materialização do ideal de vida dos consumidores desses produtos, pois através dessa técnica se realizam as mais diversas fantasias, como fazer o registro de encontros que não puderam acontecer. A exposição procura discutir a dinâmica da sociedade do espetáculo, que foi assunto e título da obra do pensamento Guy Debord, no tempo da internet e da cultura do faça-você-mesmo. Debord dizia: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. No mundo contemporâneo a cultura de rede não se configura, por si só, como um espetáculo; ela se transforma em espetáculo através da relação social entre imagens mediadas por pessoas. A proposta é promover uma subversão desse trabalho procurando deslocar a atenção do universo tradicional da fotopintura popular para os assuntos do mundo contemporâneo, através da apropriação e manipulação de imagens de personalidades retiradas da internet, e a utilização da estética e do imaginário da fotopintura, promovendo um diálogo sobre a história do Brasil e do mundo no século XXI.

Das fotopinturas que visualizei destaco agora estas, com as seguintes leituras:



Bento XVI e Padre Cícero Romão Batista: Os dois santos da fé popular, mas apenas um deles tem a aprovação da Igreja.



Elizabeth II e Luis Gonzaga: Duas majestades, uma dos ingleses e a outra dos nordestinos.



Ayrton e Daiane: Nossos grandes heróis, não de guerra, mas de garra e determinação.



Dalai Lama e Seu Lunga: Os dois extremos, um da paciência e outro da tolerância.



Patativa do Assaré e Carlos Drummond de Andrade: O encontro entre esses dois grandes poetas seria algo para entrar na história do Brasil e, quem sabe do mundo. Um letrado e o outro semi-analfabeto, mas ambos mestres nas palavras.

A outra exposição Grafite Cariri, do pernambucano Frank e do cearense Dema, que utilizaram os muros da cidade de Juazeiro do Norte para expressar, além de sua habilidade artística, seus valores, mas crenças e os aspectos culturais da região. Autoditadas, os seus trabalhos evidenciam influências do design gráfico, do universo dos quadrinhos e dos tradicionais retratistas nordestinos. A exposição traz um panorama síntese de seus trabalhos, reflexo das manifestações culturais urbanas nordestinas, brasileiras e mundiais.



Desta forma, pude ver o grafite como arte, intitulado como vandalismo por muitos, na verdade é considerado instrumento de protesto, onde o artista do grafite é o guardião da mensagem do protesto de muitos, uma forma de revolucionar.

Encerrando a visita assistindo uma apresentação de musicas sacra, do Coral Santa Cecília: Quem Canta Seus Males Espanta.

Um aprendizado, “não ensine arte nas escolas, leve seus alunos as exposições”, o ouvir falar ou a limitação dos livros, não se compara com a experiência do contato direto com a obra em si que é muito melhor, por despertar o interesse por este mundo fascinante, afinal não se pode ter um conceito único de uma obra de arte, pois cada um tem sua própria interpretação do que visualiza. Por isso, enquanto futura professora pretendo não condicionar alunos a terem uma visão da arte, mas sim, deixa-los a vontade para dar a interpretação que lhe convém.